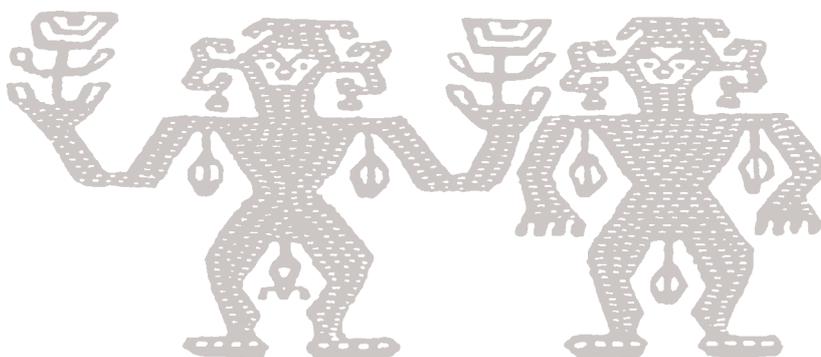


MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



A Cultura Mambai



FRANCISCO MARIA FERNANDES*

Em Timor existem cerca de 20 línguas¹ e o português era falado no meu tempo por padres, funcionários e classe mercantil. Uma das línguas importantes do Timor é a língua mambai. Deve ser a segunda língua mais falada em Timor depois do tetum que é actualmente a língua franca, apesar de apresentar variações de local para local. As informações que me chegaram dos inquéritos feitos pelas Nações Unidas em 2001 indicam que a língua mambai está nos 20% da população de Timor, portanto mais de 150 000 pessoas. Esta língua espalha-se de norte a sul de Timor Lorosae principalmente nos distritos de Same, Ailéu, Ainaro e Ermera, mas chega quase a Díli e a Liquiçá. É falada nestes distritos, por exemplo, em Bazar Tete e Tibar. Fala-se em regiões muito montanhosas, mas com muitos habitantes espalhados por centenas de aldeias. São montanhas altas e elevadas o Durulau e o Cablac que têm mais de 2000 metros de altitude. Nestas zonas montanhosas encontra-se uma espécie de eucalipto, as casuarinas e uma árvore parecida com o carvalho, mas a vegetação começa a desaparecer à medida que se sobe.

Nas grandes alturas aparecem musgos, silvas e líquens, rareando as árvores. Encontram-se mamíferos como o porco selvagem, o macaco, aves como loricos, catatuas, pombos e rolas. Há muitas espécies de cobras e a mais perigosa é uma pequena cobra verde capaz de matar pessoas e animais com a sua mordedura venenosa. Existiam veados e antigamente faziam-se caçadas. Também existe nestas regiões como em todo o Timor o *toqué* que é um lagarto que vive por todo o lado, nas árvores, nas casas, nos rochedos, soltando uma espécie de grito. Este animal tem muita importância nas superstições dos mambai. Os animais domésticos são o porco, búfalo, cabras, bovinos e galináceos.

Nesta região foi também introduzido o café desde o século XIX. O café deu muita prosperidade a Timor e a esta região. Era muito abundante no planalto de Ailéu e em Ermera, espalhava-se pelos 600 a 2000 metros de altitude. Era o produto mais exportado pelos portugueses e dava dinheiro ao território. Lembro-me que, antes de 1974, os amigos da Alfândega de Díli diziam que saíam de Ermera mais de 2000 toneladas de café, representando mais de metade do valor das exportações de Timor. Hoje, infelizmente, o café está muito decadente e abandonado, mas podia ser um dos mais importantes produtos de exportação de Timor.

Os grupos linguísticos e étnicos de Timor desenvolveram-se ao longo de milhares de anos.

* Ordenado padre em 1963, instalou-se em Macau em 1989, vindo a falecer em 2005, na altura pároco da Sé de Macau.

Ordained in 1963, he settled in Macao in 1989 and died there in 2005, priest of the Cathedral parish.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Formaram-se línguas e falares diferentes, diversos tipos humanos e culturas com muitas diferenças. O mambai é uma língua do grupo linguístico austronésio. Tem como o tetum influências malaias. Por isso, pode ser língua trazida para Timor por emigrantes vindos da Malásia, da Indonésia ou de outra região do Sul da Ásia. O timor mambai respeita a força e valentia, a hierarquia militar e religiosa. Só aceitam os valores viris e seguiam os antigos chefes e régulos até ao fim, morrendo por eles se fosse preciso. A ocupação do território nestas zonas mambai faz-se através da aldeia, mas também se encontram muitas habitações dispersas pelas cabeças dos montes até quase às zonas mais montanhosas.

Os nossos padres e missionários foram escrevendo alguns dicionários e catecismos em tetum e galoli², muitos publicados aqui em Macau, mas não conheço nada feito para a língua mambai³. Os apontamentos que recolhi sobre língua, cultura e religião dos mambai reuniram muitas palavras e várias vezes pensei tentar organizar um dicionário. Fui esquecendo o projecto que se perdeu entre muitos trabalhos e canseiras. Ficam aqui uns apontamentos muito dispersos que me falta o tempo para organizar melhor.

RELIGIÃO E ESOTERISMO

A língua e a cultura das gentes mambai apresentam uma dimensão religiosa tradicional, supersticiosa, e um carácter esotérico ligado a práticas de feitiçaria e ritos de iniciação. Um estrangeiro a esta cultura, como eu era mesmo quando vivi na região, tem dificuldade em desvendar estes rituais esotéricos e de iniciação. Ainda consegui identificar alguns e receber apontamentos de outros. Seguindo a língua mambai, encontramos oito elementos principais no seu vocabulário que expressam essas dimensões religiosas e crenças supersticiosas em coisas naturais e divinas:

Sol – *Leol*

Lua – *Hulcai*

Estrela – *Hiut*

Céu – *Leol-tete* (ou “sol de cima”)

Terra – *Rae*

Alma – *Smag*

Alma do outro mundo – *Maet smag*

Deus – *Maromac*

Nestas palavras nota-se a existência de uma palavra para um Deus, *Maromac*, mas é difícil tirar

conclusões sobre esta divindade. Parece que acreditam também ser um grande Criador da Terra. As palavras para sol, lua e estrela têm um carácter supersticioso e divino, mas a ideia de céu não existe como sagrado, mas como qualquer coisa acima e ligada ao Sol. O Sol é o grande astro divino que foi criado por *Maromac* como *Rae*, a Terra. Existe uma palavra para uma ideia espiritual próxima da nossa alma, mas o mambai não acredita em divisões entre corpo e alma.

A palavra *Maromac-mane* fala do antepassado mais antigo do clã⁴ ou linhagem e significa aquele “que não pode ver”. Possivelmente, significa o mesmo que *cucun*, de que adiante se tratará. *Maromac-hine*, “lua de ouro”, tem o mesmo significado para o feminino. Pode simbolizar ou o antepassado mais antigo fundador da linhagem ou todos os antepassados da linhagem ou mesmo apenas os antepassados femininos da linhagem. Esta noção de “lua de ouro” também se designa por *film-mera*. O mambai afirma e acredita que *Maromac-hine* foi feita por *Maromac-mane*, tendo crença pois numa divindade superior masculina.

O mambai acredita noutra ideia importante de que a casa, o solo, a terra que pisa são sagrados. Noção muito importante é, por isso, a de *um²-luli* que significa casa sagrada (*lúlic*) ou *nam-tu* (casa /coisa grande). Ligado a esta noção de casa sagrada aparece a palavra *luli* ou *nam-luli* que significa ídolo, o mesmo que *lúlic* que em geral quer dizer sagrado ou todo e qualquer coisa sagrada. A terra e as coisas sagradas são assinaladas ou dominadas pelo *Rae-úbu⁵*, génio tutelar da fonte, da floresta, do bambual, do coilão, de uma árvore, de um ribeiro, de uma montanha, de um rochedo, de uma pedra ou de um qualquer sítio da terra dos mambai.

Esta gente mambai acredita também que a sua terra continua a ser habitada pelos seus antepassados. Eles continuam presentes na terra, na casa e no dia a dia. A palavra *cucun* é utilizada para referir os antepassados. É uma palavra muito importante e conhecida pelos mambai, que, no entanto, perderam já o seu significado mais concreto. Quer dizer, não conseguia perceber muito bem quando percorri as aldeias mambai se *cucun* se refere ao primeiro antepassado da linhagem ou se se refere a todos os antepassados cujos espíritos habitam na casa sagrada. É possível que *cucun* concentre os dois significados para referir a presença constante dos antepassados, dos ascendentes, na vida quotidiana.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

A sociedade mambai aparece na palavra *roman*. Este conceito significa todos os vivos que formam a linhagem ou grupo familiar, mas a palavra aplica-se também à aldeia ou conjunto habitacional onde vive todo o grupo de uma mesma linhagem. A expressão *roman fe ghia, cucun fe la ga* significa “os vivos estão do lado de cá, os *cucuns* do lado de lá”. A fórmula permite perceber que os *cucuns* são os antepassados ctónicos que “vivem” para além do túmulo.⁶

O espaço mais sagrado, o templo, a “igreja” do mambai é a casa sagrada. Toda a casa sagrada tem um *tota-ubu*, o seu guardião ou vigilante. Este *tota-ubu* é uma espécie de sacerdote que deve interceder junto dos *cucuns* a favor dos que pretendem a cura de uma doença ou que afaste deles qualquer influência maléfica. O *tota-ubu* deve ser sempre uma mulher anciã e, por isso, a noção pode ser traduzida como “oficiante da reza”. É a mulher velha ou mais velha que reza e intercede utilizando o poder da casa sagrada que está obrigada a proteger e vigiar.

Para além da casa sagrada, para o mambai é muito importante o poder de transmitir as lendas da linhagem. *Teor-ubu* significa o “senhor da palavra”, contador ou narrador das histórias e lendas dos *cucuns*, isto é, dos antepassados da linhagem. Este “senhor da palavra” possui um conhecimento iniciático transmitido em segredo de um *teor-ubu* para outro. Estas lendas transmitidas por esses “senhores da palavra” apresentam as principais façanhas dos antepassados da linhagem como guerras, conquistas, casamentos, heroísmos e outros episódios. O *teor-ubu* fala geralmente com desenvoltura e sai da “nobreza” mambai.

Depois do “senhor da palavra”, a outra figura mais importante para os mambai é *dó*. A palavra corresponde para as gentes mambai a uma mistura de curandeiro, feiticeiro e adivinho. Não parece ser uma espécie de xamã nem sofrer de “transes”, podendo ser apresentado mais como uma mistura de sacerdote-curandeiro. Até porque existem termos e figuras para adivinho⁷ – *bad-bul-ubu* – e para feiticeiro – *saub* –, palavra muito utilizada e respeitada⁸. Deste modo, o *dó* deve entender-se como o sacerdote que faz a ligação com os *cucuns*, os espíritos dos antepassados, e com *Maromac*, o Deus ou divindade suprema. O *dó*, por isso, recebe poderes dos antepassados e da divindade. Os mambai acreditam que tem poderes especiais para curar todas as doenças “espirituais” e “corporais”.

NAI LOR-TIRIS E NAI LOU

Há 45 anos atrás ainda consegui ouvir várias lendas, histórias e superstições dos mambai entre amigos, padres, colegas e por essas aldeias fora de Same, Ainaro, Ailéu e Bazar Tete. Não recordo já muitas e não recebi apontamentos da maior parte delas. Guardo ainda a lenda mais importante para os mambai: a da formação da sua linhagem primordial. É uma mistura da lenda de Adão e Eva ou de divindades masculinas e femininas, mas que significam os pais e avós dos mambai. A história, como se dirá mais à frente, pode ter influências ou contactos bíblicos. Esta lenda muito importante e que era conhecida dos “senhores da palavra” mambai diz:

“O primeiro homem (*Nai Lor-Tiris*) desceu do alto do céu por uma linha (ou fita) vermelha. A primeira mulher (*Nai Lou*) veio do mar num beiro⁹ juntamente com duas criadas e alguns marinheiros. Era uma mulher branca e os seus cabelos ainda se conservam na casa sagrada de Lór. Encontrou-se com o primeiro homem em Cássibócal, um coilão perto da alfândega de Nutur em Betano, precisamente em Lór, uma pequena aldeia da região.

Nai Lor-Tiris trazia na mão direita uma balança para pesar a Terra e na mão esquerda uma rede para pescar e reunir um grupo de homens entre os homens soltos que fosse encontrando. *Nai Lor-Tiris* e *Nai Lou* são os avós antepassados de todos os habitantes de Timor”.

Por isso, a casa sagrada *lulic* de Lór é objecto de muita veneração entre os mambai. Assim, quando alguém passa à sua frente tem de se descobrir e se vai montado a cavalo tem de apeiar-se. O *tota-ubu* de Lór é uma mulher velha muito prestigiada e importante para todos os mambai, uma espécie de matriarca.

O FIO VERMELHO

Nesta história primordial dos mambai nota-se que *Nai Lor-Tiris* e *Nai Lou* são apresentados como avós fundadores de toda a ilha de Timor e a sua casa sagrada aparece como uma das mais importantes de todo o Timor e seus habitantes. No entanto, para mim o aspecto mais importante desta lenda ou mito clânico e de linhagem é o tema do fio vermelho por onde desceu o primeiro antepassado. A ideia de fio vermelho significa o fio da vida: o fio vermelho por onde desceu do céu

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Nai Lor-Tiris é o fio da vida, quer dizer, é um fio ou *filum* genealógico.

Por isso, quando alguém morre em aldeia ou sítio mambae, a *tota-ubu*, a guardiã ou oficiante da casa sagrada, ata no pulso esquerdo dos parentes mais próximos do falecido – pais, irmãos, tios, primos e sobrinhos – uma linha (ou fita) vermelha para, como diz, “lhes não fuja a alma” que está na palavra *smag*. Também quando alguém adoecer, sobretudo se é importante, a *tota-ubu* ata-lhe ao pulso esquerdo uma linha ou fita vermelha, novamente dizendo “para que não lhe fuja a alma”, *smag*. Já dissemos que esta palavra se pode traduzir por alma, mas não tem o mesmo significado que a alma para o cristão.

No entanto, quando o malefício ou doença é muito forte e foi causado pelo *rae-ubu*, o génio tutelar, a *tota-ubu* é obrigada a atar uma linha ou fita preta no braço esquerdo do padecente. Estas doenças ou malefícios provocadas por um génio do sítio são sempre doenças, corporais ou mentais, muito graves e de difícil cura. Por isso, os moribundos e os que padecem de doença incurável recebem essa linha preta no braço ou pulso esquerdo. Nestes casos, a linha ou fita preta representa um sinal macabro de morte próxima.

Nesta zona de Timor, em consequência, era comum contar os anos das crianças através de um cordel, fio ou fita vermelha ou preta, correspondendo a cada ano um nó. A expressão *tael-hu* significa o cordel ou toda a fita e *tael-mata-hu* significa cada um dos nós do cordel com que se contam os anos de vida.

Parece-me que podemos investigar a existência de influências, reminiscências ou, pelo menos, associações bíblicas neste tema do fio vermelho. No Livro de Josué (II, 17-21) pode ler-se: “E eles [os exploradores hebreus mandados por Josué] disseram-lhe [a Raab em cuja casa se haviam hospedado]: Nós cumprimos fielmente o juramento que nos fizeste prestar se, quando entrarmos no país, estiver como sinal este *cordão cor de escarlate*¹⁰ e o atares à janela por onde nos fizeste descer, e se tiveres recolhido em tua casa o teu pai e a tua mãe e os teus irmãos e toda a parentela. Se alguém sair da porta da tua casa, o seu sangue cairá sobre a sua cabeça e nós ficaremos sem culpa; mas o sangue de todos os que estiverem contigo em tua casa cairá sobre a nossa cabeça se alguém os tocar. Porém, se tu nos atraiaçoes e publicares isto que te dizemos ficaremos desobrigados deste juramento que nos fizeste prestar. E ela respondeu: Faça-se como disseste; e

deixando-os para que partissem, pendurou o cordão cor de escarlate à janela.”

No Eclesiastes XIII, 6, pode ler-se: “Lembra-te do teu criador antes que se parta o *cordão de prata*¹¹ e que se quebre a âmbula de oiro e se fragmente o cântaro sobre a fonte e se desfaça a roda sobre a cisterna”.

Estas referências ao cordão cor de escarlate e ao cordão de prata são metáforas para designar o fim da vida. Pode haver uma ligação entre estas metáforas bíblicas e as tradições mambai sobre o fio vermelho. Este representa a vida e a morte, a ligação entre o mundo do vivo e o dos mortos. Resta saber se estas tradições se deixaram ou não influenciar pela actividade dos missionários católicos em Timor. Os missionários dominicanos começaram cedo, desde o século XVI, a evangelizar Timor e a combater ou transformar estas superstições. Convém recordar que foram missionários os principais artífices da recolha destas tradições e podem ter tentado dar-lhes um sentido ou valor cristãos. Pode também ter acontecido que as culturas dos timorenses que começaram a receber o cristianismo recebessem favoravelmente ideias e noções cristãs próximas do seu próprio entendimento das relações entre vida e morte, que tendem a não separar e dividir como nas civilizações cristãs ocidentais. O timor não é somente supersticioso, é mais do que isso. Acredita na unidade entre mundo natural e sagrado (*lulic*), acredita também na comunicação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Os antepassados, os ascendentes, os que morreram continuam “vivos” através da sua interferência entre os vivos.

FEITIÇARIA

Os mambai também acreditavam muito no poder de feitiçarias e várias formas de magia. Os candidatos a feitiçeiros designam-se por *imori-i'is*. Recebi apontamentos, mas nunca vi, os ritos de iniciação destes candidatos a feitiçeiros. É bem possível que o rito de iniciação dos feitiçeiros entre os mambai não tenha sido no passado tão simples como se apresenta agora. Mas os apontamentos que me chegaram mostram o seu carácter esotérico. Esta dimensão esotérica dava aos ritos de iniciação um desenvolvimento mais complicado e mesmo macabro, como se pode encontrar no rito de iniciação dos *saub* (feitiçeiros) da região mambai, sobretudo em Same. Estes ritos apresentam afinidades, pelo menos linguísticas, com o que se pode também

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

encontrar na ilha de Ataúro e que foi estudado pelo nosso amigo cónego, o grande padre Jorge Barros Duarte¹². Para melhor se compreender estes ritos de iniciação passamos à sua descrição:

O indígena da zona mambai, nomeadamente na área de Same, acredita que em tempos muito recuados quando morria um feiticeiro (*saub*), o iniciado ou candidato a feiticeiro (*imori-i'is*) tinha de transportar o cadáver do anterior detentor da posição. O cadáver do deveria ser transportado aos ombros pelo novo candidato para o interior da floresta, sendo obrigado a passar aqui a noite, abraçado ao corpo do morto. Ao amanhecer teria de saltar sete vezes por cima do cadáver do antigo feiticeiro dizendo:

Nafai ghia au fe báli sil (Hoje eu é que tomo conta em teu lugar)

Ó bibi-russa hua, (Do coração dos teus veados)

Ó bibi-russa ate, (Do fígado dos teus veados)

Ó bibi-russa lala, (Dos intestinos dos teus veados)

Úlu-hátu (Da cabeça)

Nor ó síssi meghega, (Com a tua carne seca)

Au ôdi sium sil (Para eu tomar com isso)

Ó sao gá man háti (Lugar entre os homens feiticeiros)

Esta fórmula de iniciação mostra a importância do termo “veado” que deve significar tanto as vítimas do feiticeiro como as entranhas dos animais usadas nos processos de adivinhação e magia. Depois de proferida esta fórmula, o candidato ou iniciado (*imori-i'is*) deveria abrir o cadáver do feiticeiro pelo peito e pela barriga, extraindo-lhe o coração, o fígado e os intestinos, devendo em seguida colocar estes órgãos numa cana de bambu que tapava com folhas de feto ou de outra planta. A seguir, deveria dependurar o bambu com aquelas entranhas numa tuaqueira na qual havia também de colocar a mandíbula do morto. Estes despojos deveriam ficar assim expostos sete dias durante os quais se reuniam todos os feiticeiros mambai da região. Esta reunião de feiticeiros era responsável por analisar e admitir o candidato a feiticeiro. Após os sete dias rituais, os *saubs* desapareciam, reaparecendo depois “transformados” em diversos animais e aves para participarem com o candidato numa macabra reunião ritual que consistia em consumirem – o candidato e os feiticeiros “transformados” em animais – o conteúdo do bambu. Por fim, concluída esta iniciação, os restos do cadáver deveriam ser sepultados ritualmente por todos. O *imori-i'is* tornava-se então *saub*, feiticeiro.

Que eu saiba esta macabra prática ritual já não existia no Timor da minha infância, mas ouvi falar várias vezes dela e até pintada com cores mais negras. Considerada uma superstição grave e quase canibalística deve ter sido rapidamente atacada, criticada e limitada pelos missionários católicos desde muito cedo. O que parece encontrar-se neste ritual iniciático é o grande poder destes feiticeiros (*saubs*) entre os mambai e os seus poderes de adivinhação. Lembram também rituais de xamãs que normalmente a antropologia que fui lendo não acusa em Timor. No entanto, tanto nos xamãs *yakut* da Sibéria como em xamãs dos aborígenes australianos detecta-se esta prática ritual de consumir a carne ou as entranhas do anterior xamã¹³. Esta antropofagia significa substituir ou adquirir o poder do anterior *saub* e perpetuá-lo.

VOCABULÁRIO E CULTURA

Recolhi muitos apontamentos de colegas padres e missionários e de outras pessoas sobre o vocabulário dos mambai. Não fui nunca especialista de linguística, mas encontra-se nestas palavras um verdadeiro dicionário mambai. Não pude estudar com profundidade a língua para trabalhar estes apontamentos. Surpreende-me nestas palavras e descritivos a pouca influência da língua portuguesa. Já o tetum recebeu muitas palavras e descritivos do Português. O mambai, como língua dessas gentes orgulhosas e viris das montanhas, parece não ter integrado muitos vocábulos dos portugueses. Nota-se que tinham muito vocabulário descritivo para o mundo natural, animal, flora, trabalho e actividades que se podem dizer culturais. A partir dos apontamentos e fichas recebidos tentei organizar por grandes temas este vocabulário das gentes mambai de Timor.

1. OBJECTOS E FENÓMENOS NATURAIS

A primeira secção apresenta as palavras para o mundo natural, sobretudo fenómenos e acontecimentos naturais. Não encontro nenhum termo que me pareça vir do português. Apenas se encontra uma palavra – *um-lae macau* – onde para se referir a batata europeia se acrescentou Macau. Indica que estas batatas vinham de Macau e eram vendidas em Timor nas mercearias de muitos chineses ou timorenses chineses que antigamente dominavam o comércio e constituíam a classe mercantil.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Aef – fogo
 Aef-luta - tição
 Aef-máçu – fumo de fogo
 Aef-mata – fogueira
 Aef-mlara – braseiro
 Ai-rui – espinho
 Bira – relâmpago
 Écor – areia
 Er – água
 Er-líhu mlua – lago
 Er-sala – ribeiro
 Ghéol – vento
 Grú – semear
 Haut – pedra
 Haut-tú – rocha
 Hiut – estrela
 Hulcai – lua
 Lalora – onda
 Léob – lagoa
 Léol – sol
 Léol-tete – céu, “sol-acima”
 Máçu – fumo
 Mrau – horta
 Rae – terra
 Rae-ana – ilha
 Raet – praia
 Rema – planície
 Sabai – nuvem
 Si – sal
 Slóg – ribeira
 Slór – arco-íris
 Taes – mar
 Tán – plantar
 Tit – lama
 Údu (montúdu-lau) – pico
 Um-lae – batata
 Um-lae macau – batata europeia
 Úrus – piri-piri
 Uss – chuva

2. PLANTAS

Não ouvi nem recebi apontamentos para a maior parte das plantas que se encontravam na região mambai. As palavras são gerais e colocam o problema dos limites do sistema classificatório ou até do aproveitamento económico da flora. Falta a palavra café que se dizia em português.

Ai – lenha
 Ai-hata – tronco caído
 Ai-lala – bosque
 Ai-lolo – tronco
 Gur – erva
 Háa – raiz
 Hétu – flor
 Hua – fruto
 Nora – folha
 Ota – galho
 Thául – floresta
 Tia – casca
 Úça – caroço

3. ANIMAIS

Existem palavras para os animais selvagens das regiões de Same, Ainaro, Aileu e Bazar Tete e também para os animais domésticos bem como para vários animais que não existiam na região. O crocodilo aparece também como animal sagrado entre os mambai, tal como no resto de todo o Timor. Por isso, a sua menção corresponde a qualquer coisa como “Nosso Senhor”.

Arbau – búfalo
 Auss – cão
 Buça – gato
 Buscáu – aranha
 Cud – cavalo
 Curita – polvo
 Ér-íci – enguia
 Feiss – borboleta
 Fni – morcego
 Ha – formiga
 Hahe – porco
 Hlot – jibóia
 Ican – peixe
 Itu-úbu-daot – crocodilo “Nosso Senhor”
 Lactau – lagarta
 Láho – rato
 Lénu – tartaruga
 Lóti – lagarto
 Maun – ave
 Mántelo – ovo
 Maun-ana – pássaro
 Naet – percevejo
 Nua – ninho
 Saer – animal
 Samór – cobra verde

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

Séu-rae – centopeia
 Suái – cobra
 Súçu – mosquito
 Téki – lagarticha
 Tumél – pulga
 Ú – baleia
 Urái – lacrau
 Ut – piolho

3. PESSOAS

O vocabulário para pessoas é muito pequeno. Não existem palavras para as distinções das diferentes classes. É mais um vocabulário masculino e feminino e de diferenças de idade ou geração.

An-cate – criança
 Artub – gente
 At – criado
 Daot – chefe
 Hin – mulher
 Hine – esposa
 Maen – homem
 Mane – marido

4. SENSAÇÕES CORPORAIS

Aparecem nos apontamentos palavras para os sentidos e para as principais sensações. Existem também palavras para a maior parte das actividades corporais e algumas para atitudes ou comportamentos morais.

Aa – comer
 Anánu – cantar
 Anoin – pensar
 Assae-snuga – respirar
 Belé – acordar
 Béli – ter fome
 Boe – deitar-se para dormir
 Cace – conversar
 Dega – dizer
 Du – cuspir
 Eot – viver
 Eunn – beber
 Féie – olhar
 Féss – apalpar
 Flénn – cheirar
 Flig – ouvir
 Fréssi – discutir
 Gaeg – mastigar

Ganát – trincar
 Glinn – rir
 Hae – dormir
 Hói – morder
 Hússi – assobiar
 Khaess – mordedura de animal
 Maet – morrer
 Mtau – temer
 Muta – vomitar
 Mód – engolir
 Mótri – viver
 Mró – ter sede
 Núnn – exame pelo odor
 Re-haha – gemer
 Sero – chorar
 Suss – chupar; mamar
 Tad – conhecer
 Tanár – ouvir
 Tenn – deglutir
 Túir teor – narrar
 Tunú – lembrar
 Tut-rou – dormir

5. DESCRITIVOS

Os mambai têm muitas palavras para descrever sensações, comportamentos e relações morais entre as pessoas. Estas palavras descrevem também as figuras e as atitudes dos diferentes tipos de pessoas.

Béli – esfomeado
 Bissa – frio
 Broe – podre
 Brúiss – quente
 Bub – inchado
 Clao – mau
 Code – bom
 Diu – surdo
 Dló – correcto
 Era – molhado
 Hóru – empertigado
 Lea – maluco
 Lehe – leve
 Mata malágu – ensonado
 Mate – morto
 Mdeda – pesado
 Mghega – seco
 Mlai – brando
 Mlió – novo

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Móo – limpo
 Móri – vivo
 Nam sae – doente
 Ole – gordo
 Ónu – morno
 Rae-afó – poeira
 Rai – sujo
 Ráti – suado
 Rauf – cinza
 Tat mai – velho
 Tebes – verdadeiro
 Tita – impuro
 Tóo – magro
 Ulu-hátu – estúpido

6. PARTES DO CORPO

Conhecem os mambai palavras para as partes do corpo, sobretudo para as partes externas. Já faltam palavras para os órgãos internos. Também não se nota aqui qualquer influência de palavras vindas da língua portuguesa.

Aba – cuspo
 Ahe – rosto
 Ahe-lúli – partes genitais
 Ate – fígado
 Bai – barriga
 Baid-ud – estômago
 Bá-séri – flanco
 Cbás – ombro
 Éta – corpo
 Fá – coxa
 Fau – bochecha
 Fau-tara – barba
 Fé – parir
 Fére – nádegas
 Fere-goá – ânus
 Gluta – cérebro
 Gúgu – boca
 Gúgu-húlu – bigode
 Gúgu-Tia – lábio
 Hóho-tete – costas
 Hua – coração
 Hulu – pêlo
 Ílu – nariz
 Ío – cauda; rabo
 Íru-mata – peito
 Lala – intestinos

Lama – língua
 Lar – sangue
 Lila – asa
 Lima – mão
 Lima-adél – anular
 Lima-bai – antebraço
 Lima-fúçu – médio
 Lima-ina – polegar
 Lima-ínu – mindinho
 Lima-mata – unha
 Lima-snaga – dedos
 Lima-tane – palma da mão
 Lima-tgheu – pulso
 Lima-tud-nam – indicador
 Lóat – tendão
 Lú – cuspir
 Lua – lágrima
 Manhúlu – pena
 Mata – olhos
 Mata-hua – globo ocular
 Mata-húlu – sobancelha
 Matrauf – pulmões
 Mdei-an – dar à luz
 Nam-té – excremento
 Nifa – dente
 Óe – pé
 Óe-bai – perna
 Óhu – baço
 Ré – testa
 Rúçu-laha – costela
 Rui – osso
 Síssi-lula – medula; tutano
 Súu – cotovelo
 Suçu – seios
 Suçu-era – leite
 Té – defecar
 Teró – voz
 Tghéu – pescoço
 Tghéu-lálu – garganta
 Tia – pele
 Tliga – orelha
 Tliga-goá – ouvido
 Tugu-fu – cachaço
 Túlur – joelho
 Úlu – cabeça
 Úlu-nora – cabelo
 Urat – veia

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

7. CORES

Não existem muitas palavras mambai para as cores, só para as cores primárias, faltando para as cores intermédias e para as misturas de cores. Quando passava pelas terras mambai já se notava no vestuário, nos tecidos e nas casas muitas mais cores do que aquelas para que tinham palavras.

Búti – branco
Mát – verde
Mera – vermelho
Meta – preto
Mghé – amarelo
Moro – azul
Ráfu – cinzento

8. PARENTESCO

Há ainda muitas palavras para o parentesco e para a família. No que se refere ao parentesco utilizam também palavras como *dó-lár* (pacto de sangue), *maer* (fábula) e *maer-muna* (lenda), mas apenas quando se referem aos antepassados. Já se disse que para as gentes mambai os antepassados vivem entre eles. Nunca ouvi nem me deram apontamentos para a palavra primo. Ouvi utilizar algumas vezes a palavra primo, do português. Mas substituem a palavra pela ideia de que todos são irmãos quando têm os mesmos tios e tias.

Ama – pai
Am-loba – irmão do pai
Ana – filho; filha
An-cate ni tbó – irmão do rapaz
Bou – irmão mais velho
Cai – tia; sogra
Cala – Antepassado; bisavô
Cau – irmão mais novo
Dó-lár – pacto de sangue
Dómo – tetravô
Gátar – filho do filho ou da filha
Hin ni nara – irmão da rapariga
Ina – mãe
Maer – fábula
Maer-muna – lenda
Nai – tio; sogro
Sulé – trisavô
Tata hine – avó
Tata mane – avô
Tbó – irmã
Tbó cau – irmã mais nova

Tbó tu – irmã mais velha
Úbu-hine – sobrinha
Úbu-mane – sobrinho

9. ACTIVIDADES E OBJECTOS

Conhecem muitas palavras para as actividades laborais e para os utensílios utilizados bem como para as actividades do dia a dia. Existem palavras para a hierarquia e para, como já se disse, as posições mais importantes na vida social e mágica dos mambai. Não se notam palavras vindas do português. O vocabulário para festas, divertimentos e músicas é pequeno porque esta gente era mais de trabalho suado e pouco divertimento.

Aef-ana – candeeiro
Ai-hati – alavanca de pau
Ai-hati-béss – alavanca de ferro
Ai-húlu – poste de chifres de búfalo
Ai-sanar – vassoura
Amu cornel – régulo grande
Arbau-diu – picareta
Aul – mão de pilão
Bab – tambor de guerra
Bac-dud – tamborete
Dadíl – gongue
Cael – pescar com cana
Dai – rede de pesca
Daot – régulo
Daot Hine – rainha
Dó – curandeiro
Fánn – disparar uma seta
Fofoca – Brincos
Fóiss – disparar um tiro
Gau – cal
Gaul – saco
Ghíbal-háti – terreiro de dança
Gnónn – assar no espeto
Haut-luli – pedra sagrada
Hele-caet – arpão
Het – tatuagem
Héu – flauta
Héu-Cússi – flauta de cana simples
Héu-lilin – flauta de cana aberta ao meio e com furos nas extremidades
Héu-lugheun – grande flauta de cana selvagem
Húdi – dança
Hun – fazer guerra

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Hut – vestuário
 Láhat – camaroeiro
 Maet-mata – sepultura
 Man-hutu – jogo do galo
 Nait povoçán – chefe de povoação
 Nait sucu – chefe de suco
 Nam-luli – ídolos
 Neh – leque
 Neuss – pilão
 Nil – tijela de madeira
 Núcat – cesto
 Rae-úbu – lobisomem
 Sá-hét – tatuar
 Sau – pente
 Saub – feiticeiro
 Sépar – altar
 Séur-aef – pôr no lume
 Sirbíuss – trabalhar
 Sóro – caçar
 Sul – armadilha em bambu
 Sur – contar
 Súri – espada
 Taél – corda
 Taél-mata – armadilha para pássaros
 Tat-luli – sacerdote gentio
 Té lébo – cravar uma lança
 Té sai faglau – trespassar
 Tilha – pescar com rede
 Tílu – brincar
 Tóem – lança
 Tui – cozer
 Tunn – assar
 Ul-háti – faca de bambu
 Um-luli – casa sagrada
 Ur-boca – panela de barro

10. TEMPO

No que respeita ao tempo, conhecem palavras para períodos curtos, faltando para os números e para períodos muito longos. A palavra *sumana* deve ter vindo do português.

Ada – amanhã
 Ai-ru – depois de amanhã
 Buss – manhã
 Hoda – noite
 Hulcai – mês
 Leol-ban – dia

Leol-séri – tarde
 Nafai – hoje
 Ná-rua – ontem
 Oras – hora
 Oras ghia – agora
 Sumana – semana
 Ton – ano

11. MANIPULAÇÕES E MOVIMENTOS

Têm os mambai muitas palavras para as suas actividades e movimentos manuais, sendo muitas as relacionadas com as actividades domésticas, sobretudo das mulheres.

Amó – limpar
 Coi – coçar
 Dad – puxar
 Dó – cortar com faca
 Dud – esfregar; empurrar
 Eiss – atar¹⁴
 Faél – segurar
 Faláer – correr
 Féin – ficar
 Fó – rachar
 Fun-huc – fazer ferida
 Glil – virar
 Gumm – espremer apertando
 Háss – lavar
 Húdul – espremer torcendo
 Hut – amarrar¹⁵
 Ké – cavar
 Lá – ir
 Lalai – andar
 Léor – saltar
 Lol – “correr de água”
 Lore – voar
 Má – vir
 Mdei – sentar
 Mót – afogar
 Mou – cair
 Nághi – nadar
 Né – dar
 Soé – flutuar¹⁶
 Tar – golpear
 Té – atirar

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

NOTAS

- 1 Existem as mais variadas investigações que sublinham a existência antro-po-histórica de mais de 30 línguas em Timor-Leste. O Pe. Fernandes não concordava com estes números excessivos e sempre referia com razão a diferença entre línguas e dialectos, sublinhando que muitas das formações apresentadas como línguas na verdade eram dialectos ou variações de línguas primárias.
- 2 O Pe. Francisco Fernandes referia-se aos seguintes livros: Rafael das Dores, *Dicionário Teto-Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907; Manuel Fernandes Ferreira, *Resumo do Catecismo em Língua Tetum*. Macau: 1907; Manuel Mendes Laranjeira, *Cartilha de Tétum*. Díli: Imprensa Nacional, 1916; Manuel Mendes Laranjeira e Manuel Patrício Mendes, *Dicionário Tetum-Português*. Macau, 1936; Manuel Maria Alves da Silva, *Dicionário Portuguez-Galoli*. Macau: Typographia Mercantil, 1905; Manuel Maria Alves da Silva, *Catecismo da Doutrina Cristã em Portuguez e Galoli*. Macau: 1906; Sebastião Maria Aparício da Silva, *Dicionário Portuguez-Tétum*. Macau: Orfanato da Imaculada Conceição, 1989.
- 3 A afirmação do Pe. Francisco Fernandes é quase rigorosa, mas vale ainda a pena consultar Frederico José Hopffer Rego, “Uma lenda ‘mambae’”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 86 (4-6), Abril-Junho de 1968, pp. 159-175, e, sobretudo, o estudo monográfico de António Duarte de Almeida e Carmo, *O Povo Mambai. Contribuição para o Estudo do Povo do Grupo Linguístico Mambai – Timor*. Lisboa: Estudos Políticos e Sociais, 1965.
- 4 Nos apontamentos originais, o Pe. Francisco Fernandes começou por utilizar a noção de clã. Depois de debatida a terminologia mais actualizada da antropologia passou a optar pela noção de linhagem. Apesar de também esta noção poder ser discutida, o texto trata claramente de lendas e vocabulários relacionados com um agrupamento social que procurou criar a sua própria narrativa da ocupação, apropriação social e reprodução económica de um território que, pelo teor dos materiais recolhidos, se organizaria principalmente em torno de Same.
- 5 Nota manuscrita marginal: “O mesmo que *mai-na’in* na língua tetum”.
- 6 Originalmente estava escrita a curiosa expressão “d’além-campa”, depois riscada.
- 7 Nota manuscrita: “Baru, Babilónia”.
- 8 Foi acrescentado à mão: “o mesmo que *buan* em tetum; encantamento em tetum”.
- 9 O beiro é a embarcação tradicional em Timor, geralmente feita a partir de um tronco de árvore escavado e possuindo dois flutuadores em bambu.
- 10 Itálicos do autor.
- 11 Itálicos do autor.
- 12 O Pe. Francisco Fernandes estava certamente a referir-se a essa obra referencial que é o livro de Jorge Barros Duarte, *Timor: Ritos e Mitos Ataíros*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.
- 13 Foi acrescentado à mão: “através destas narrativas e lendas de carácter supersticioso podemos conhecer e extirpar a feitiçaria”. O comentário manuscrito sugere que o Pe. Francisco Fernandes se encontrava especialmente interessado em reunir textos, lendas e rituais sobre as práticas “mágicas” tradicionais entre os mambai, muitas de dimensão representacional e ficcional. Esta recolha parece ter sido julgada importante para as estratégias pastorais católicas no território timorense de acordo com um entendimento perspectivando como “superstição” estas práticas culturais e, por isso, devendo ser sujeitas a crítica e dissolução do ponto de vista, como é evidente, de um sacerdote católico. A discussão sobre a dimensão para-xamânica destes ritos radica numa troca de impressões mantida numa das nossas conversas. Desconheço se o Pe. Fernandes conseguiu ler algumas das obras então sugeridas, mas as referências aos *yakut* e aborígenes indicam que, pelo menos, se interessou pelo tema.
- 14 Foi acrescentado à mão: *kessi tetum*.
- 15 Acrescento manuscrito: *futu* em tetum.
- 16 Pode ler-se em aditamento à mão: *namlele* do tetum.